

Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização¹

Myriam Martins Alvares²

Resumo

Pretendo aqui refletir sobre os processos próprios de aprendizagem e transmissão do conhecimento e sobre a formação e o desenvolvimento infantil, considerando as possíveis inter-relações e interpenetrações com os processos escolares de ensino/aprendizado, como concebidos e praticados pelos Maxakali, grupo indígena do nordeste de Minas Gerais. Busco também compreender a concepção sobre a infância a partir de algumas noções presentes na etnologia sul-americana sobre a pessoa e a corporalidade expressas nas relações entre a cosmologia e a sociabilidade e recentemente, reconstruídas no processo de escolarização da sociedade Maxakali.

Palavras-chave: antropologia da infância, socialização, transmissão de conhecimento, educação escolar.

¹ *Kitoko* significa 'filho' ou 'filhote' e é utilizado também para designar a criança.

² Professora titular da PUC - Minas (Rua Zeferino Vaz, s/n, Belo Horizonte – MG; e-mail: malvares.bhz@terra.com.br).

Abstract

This paper attempts to reflect on the intrinsic process of learning and the transmission of knowledge, and the growth and development of children, considering its possible interrelations and interpenetrations with the school processes of teaching/learning, as conceived and put into practice by the Maxakali indigenous people, from the Northeast of Minas Gerais. This paper also aims at understanding the concept of childhood on the grounds of some theoretical notions of South American ethnology about people and corporeality, expressed in the relations between cosmology and sociability, and recently reconstructed in the process of introducing school education in Maxakali society.

Key words: anthropology of childhood, socialization, transmission of knowledge, schooling.

Introdução

Neste artigo busco refletir sobre os processos de produção de aprendizagem e de conhecimento em situações escolares em contextos interétnicos e interculturais – os processos da educação escolar indígena. Como compreender a inserção da escola na vida social e na cosmologia, na formação e aprendizagem das crianças e jovens indígenas? Quais as formas e linguagens do processo de educação indígena e, quais as possibilidades de articulação com estas novas modalidades de ensino-aprendizado, introduzidas com o processo escolar?

Tomando como foco estas questões farei uma análise da implantação da escola diferenciada na sociedade Maxakali de Minas Gerais³. Este grupo recusou a introdução do português para suas crianças, que estão sendo alfabetizadas apenas na sua língua materna. Decidiram também, introduzir o ensino do xamanismo no contexto escolar. As aulas são realizadas por seus especialistas tradicionais, os xamãs mais prestigiados do grupo, inicialmente, dentro do espaço ritual – *kuxex* – ou ‘Casa dos Homens’. Dentro deste contexto, analisarei o lugar da criança Maxakali como elo articulador entre o universo cosmológico e social no que se refere à criação, armazenagem e transmissão do conhecimento.

Vários autores (Lopes da Silva et al 2002; Cohn 2000/2002; Nunes 1999) apontam para o escasso material etnográfico produzido sobre o universo das crianças indígenas. Geralmente é como questão complementar a outro foco da discussão que esta categoria se faz presente na bibliografia etnológica existente. São essas mesmas autoras que, recentemente, desenvolveram trabalhos específicos sobre o lugar da infância e do processo de ensino/aprendizado para as sociedades indígenas sul-americanas, a partir de etnografias sobre grupos particulares ou de levantamentos sobre a presença dessas categorias dentro da produção etnológica. A publicação do livro *Crianças Indígenas – Ensaios Antropológicos*, em 2002, organizado por Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Lopes da Silva Macedo e Ângela Nunes é sem dúvida um marco para a discussão sobre a criança na etnologia sul-americana. Reunindo uma série de ensaios, de diversos autores, inicia uma reflexão sobre as várias dimensões que envolvem a vida das crianças, a partir de uma nova visão sobre a questão da infância, presente na literatura antropológica. A produção antropológica sobre a questão da escolarização das populações

³ Os Maxakali, falantes da língua Maxakali, tronco lingüístico Macro-Jê, têm uma população estimada em torno de 1000 pessoas e habitam o nordeste de Minas Gerais.

indígenas no Brasil, embora recente, desenvolvida nas últimas três décadas, vai intensificar seu debate somente nessa última, motivada pelas conquistas no campo legal dos direitos indígenas e pela experiência dos processos de implantação, em grande parte do país, de políticas escolares diferenciadas entre os povos indígenas brasileiros. O objetivo desse ensaio é de contribuir para esse debate, por intermédio de um caso particular, o das crianças Maxakali e o papel que desempenham dentro do processo de escolarização.

Este artigo nasce da confrontação de dados produzidos em três contextos de investigação bastante diversos entre si, tanto no que se refere à própria natureza dessa investigação, quanto em relação ao tempo em que foram realizadas as observações. Parte do material analisado compõe um dos temas abordados na minha dissertação de Mestrado (Alvares 1992). Naquela época, o meu foco de interesse eram os processos de concepção da noção de pessoa e o sistema ritual Maxakali. A dimensão relativa ao processo de escolarização entre os Maxakali é fruto da observação desenvolvida a partir de diferentes experiências de inserção no grupo. Durante os anos de 1995 a 2003, participei da coordenação do “Programa de Implantação de escolas Indígenas de Minas Gerais” – PIEI/MG – da SEE/MG em convênio com a UFMG, FUNAI-MG e o Instituto Estadual de Florestas. Através da assessoria prestada a esse Programa acompanhei o impacto da introdução da escola na vida dessa sociedade. Finalmente, nestes últimos dois anos, a realização de uma pesquisa, ainda em curso, sobre o processo de escolarização entre os grupos Maxakali e Xakriabá (Gomes, Gerken, Alvares 2001), propiciou a oportunidade de sistematizar, parcialmente, o material etnográfico já levantado, assim como de produzir novos dados. Trata-se, portanto, de uma descrição etnográfica tomada na perspectiva histórica do processo de escolarização.

A categoria da infância nas relações sociais e na cosmologia

A criança é o fio que tece as várias dimensões da sociabilidade Maxakali. É através dela que se inaugura a relação com o outro. De acordo com as regras de etiqueta Maxakali, deve-se primeiro dirigir-se às crianças, particularmente aos bebês, quando em visita a um grupo familiar aliado ou em qualquer outra situação de distância social. Só após agradar as crianças, carregar e acariciar os bebês, é que o visitante deve dirigir o olhar e a palavra aos seus anfitriões adultos. Assim, também nas situações de distância social, a palavra dos pequenos é sempre interposta entre as categorias sociais que implicam em uma relação de respeito/evitação – transfere-se a fala para as crianças. As mulheres são, geralmente, as que mais se utilizam deste recurso retórico, dada a virilocalidade preferencial entre os Maxakali. Para falar com seus sogros e cunhados, mesmo quanto a assuntos corriqueiros, falam através de seus filhos. Nas situações onde o interlocutor está presente, dirigem-se a este como se as crianças é que falassem – falam através delas. Esta forma de diálogo indireto é também utilizada pelos homens nas situações que implicam em alguma forma de constrangimento (quando pedem coisas aos não-índios, quando falam com pessoas de categorias sociais distantes em situações embaraçosas, quando se encontram espacialmente muito distante).

Nas separações entre casais e famílias, são as crianças o elo que reconstrói as relações rompidas. Uma mulher envia primeiro seus filhos à casa do pai e, somente após alguns dias, ela retornará ‘para cuidar dos pequenos’. Dois chefes de famílias extensas, que estejam com as relações estremecidas, sinalizam sua boa vontade através das visitas mútuas dos

netos. Também, ao contrário, quando as relações são rompidas, a responsabilização por pilhagens e destruição de bens recai sempre sobre as crianças. Quando há conflito entre aldeias, o fluxo de crianças entre elas é, imediatamente, interrompido. É o sinal visível desta situação de conflito. A livre circulação de crianças significa paz e harmonia entre as pessoas, sua ausência, significa hostilidade e estranhamento.

Os meninos são também os mensageiros entre a Casa dos Homens – *kuxex* – e as casas domésticas, durante a realização dos rituais. Cumprem uma função vital na coordenação e sincronização das complexas etapas que caracterizam a performance dos rituais Maxakali. As mulheres são impedidas de entrarem no *kuxex* e, durante os rituais, todos os homens reúnem-se lá, comunicam-se então, através da circulação das crianças⁴. Elas realizam a junção entre as duas partes da sociedade, ritualmente separadas: os espaços – doméstico e ritual e os universos – feminino e masculino.

No cotidiano da aldeia, as crianças pequenas circulam livremente entre todas as casas e ocupam o pátio central com suas brincadeiras. Novamente, elas são as mensageiras entre os diversos grupos familiares. Transmitem recados, circulam pequenos objetos, notícias e acontecimentos entre as casas. Possuem também a liberdade de participarem das refeições em outras casas, além das suas próprias. Mas em contrapartida, devem dividir os alimentos que recebem com as outras crianças. Lição de sociabilidade que se aprende desde muito cedo – o consumo partilhado dos alimentos com seus iguais⁵.

⁴ Para os Maxakali todos os homens são xamãs, ou seja, todos os homens são capazes de controlar a comunicação com os espíritos, mas somente alguns conseguem atingir o *status* de xamã prestigiado, capaz de coordenar toda a realização dos ciclos rituais. Este lugar geralmente é ocupado pelos mais velhos.

⁵ Idealmente, viver em aldeia é viver entre iguais. A aldeia seria formada por um grupo extenso de parentes ou afins aliados e, portanto tornados (e tratados como) parentes. Na prática, contudo, geralmente as famílias aliadas não se com-

O tecido social se torna, desta forma, permeável à introdução da criança. É permitida a ela a circulação e a penetração em todas as suas dimensões. Desta forma, o aprendizado sobre a composição e os papéis sociais é vivenciado. Cumprindo um papel fundamental como construtoras ativas junto aos adultos, as crianças se apropriam do seu próprio universo social e das categorias de sentido que o compõe. Ao permitir o trânsito entre as diversas categorias sociais, as crianças, ao mesmo tempo em que aprendem, constroem, junto aos adultos, as relações sociais e a dinâmica da vida social e política do grupo. Este trânsito das crianças, claro, é orientado pelas relações dos mais velhos. Mas, mesmo quando as crianças são apenas o suporte das falas interpostas entre os adultos, elas são colocadas no foco de atenção da relação em causa. Forma sempre presentificada e experienciada do aprendizado social. Lopes da Silva (2002) identifica a partir dos trabalhos de Alan Prout e Allison James (1990) novos paradigmas sobre a infância, presentes nas mais recentes pesquisas antropológicas. Entre eles o princípio de que:

As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que a rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais. (Lopes da Silva 2002: 18)

portam dentro deste padrão ideal de partilha dos alimentos considerados excedentes com os demais moradores da aldeia. Utilizam a estratégia de consumir a produção excedente nas suas próprias roças familiares, ou atualmente, com a introdução do dinheiro e dos recursos do mundo do não-índio, nas cidades vizinhas. Apenas as crianças realizam este ideal Maxakali da partilha dos alimentos entre os iguais. As crianças por vezes também se utilizam desta estratégia quando não estão dispostas a compartilhar uma fruta madura ou outra guloseima que tenham recebido – escondem-se no mato, no entorno da aldeia, para poder saboreá-la sem riscos de se verem obrigadas a dividi-la.

Das crianças não se espera, e nem se cobra, um comportamento social adequado como para o adulto. Raramente se repreende uma criança por suas ações⁶. Geralmente, estas repreensões acontecem em situações de contato com o não-índio e, a pedido deste. Os Maxakali respondem a estas situações como uma forma de cortesia endereçada aos seus interlocutores e, se dirigem às suas crianças como sugestão para outras atividades, não em tom de repreensão. Nem sempre são atendidos. Como observou Cohn (2000:205) em relação à criança Kayapó-Xikrin, esta aparente liberdade não significa falta de restrição do comportamento social infantil, mas uma outra natureza destas restrições. Por ainda não terem construído suas próprias relações de afinidade, o comportamento infantil e o acesso às categorias sociais pelas crianças não estão restritos devido à distância social, mas estão na relação entre as categorias de idade. São de natureza diversa. Os jovens e as crianças mostram-se inibidos na presença dos mais velhos, falam pouco e não lhes dirigem o olhar diretamente, (salvo dentro do próprio grupo doméstico ou em situações coletivas). Utilizam-se do recurso de falarem baixinho, no ouvido, nas muitas vezes que atuam como mensageiros fora do seu círculo doméstico. Mas estão sempre presentes, atentas, intermediárias que são, no jogo social⁷. Constroem assim, as suas próprias

⁶ Porém presenciei várias vezes grupos de meninos mais velhos, que geralmente, passam o dia fora da aldeia em suas atividades cotidianas, 'invadirem' a aldeia provocando confusão e pequenas destruições em suas rápidas 'investidas', principalmente em relação às atividades domésticas femininas. As mulheres costumam reagir correndo atrás dos seus filhos, armadas com varinhas, causando ainda mais tumulto e diversão para os meninos, que rapidamente abandonam a aldeia.

⁷ Em todas as ocasiões os Maxakali costumam levar suas crianças, inclusive as bem pequenas. Nas atividades cotidianas de produção, nos encontros sociais, políticos e rituais. Mesmo nas incursões que fazem ao mundo dos não-índios, as crianças são, sempre que possível, levadas. Por vezes se torna tarefa árdua convencê-los a não levá-las nos cursos de formação ou em outros encontros

relações sociais e sua apreensão do devido comportamento entre as categorias sociais. As relações entre as crianças se constroem a partir de grupos de idade e de gênero e recortam e perpassam o tecido das relações entre as categorias sociais de afinidade da rede social dos adultos.

Se socialmente o fluxo de crianças tece as relações entre o grupo familiares, ritualmente as crianças são o bem maior trocado entre os espíritos – *Yãmiy* – e os humanos, como sinal de sua aliança⁸. Durante o ritual de iniciação xamânica das crianças – *Taxtakox* – as mulheres e os espíritos trocam entre si crianças⁹. Os espíritos trazem de volta para as mães os seus filhos mortos ainda crianças, para que doravante possam voltar todos os anos para dançar e cantar para os vivos e para que suas mães possam alimentá-los novamente. Em troca, elas lhes entregam seus filhos vivos para serem iniciados na casa cerimonial dos homens.

Este ritual marca simbolicamente a separação da sociedade Maxakali entre a dimensão ritual masculina e a dimensão doméstica feminina. As crianças, que pertencem à esfera doméstica das mulheres, são ‘capturadas’ pelos espíritos que vêm acompanhados pelos seus pais¹⁰. Os meni-

organizados pelos não-índios, que nem sempre consideram como pertinente à presença das crianças nestas circunstâncias e, portanto, não as prevêm.

⁸ Durante a realização dos *Yãmiyxop* – ciclos rituais – ocorre uma grande troca de bens entre humanos e espíritos. Esses trazem cantos – palavra e conhecimento – e recebem em troca alimentos daqueles. Como para os Maxakali são os homens que ocupam o lugar dos espíritos durante os rituais, enquanto as mulheres ocupam o lugar dos vivos, por vezes os espíritos trazem também animais de caça (produtos considerados masculinos) para as mulheres e recebem dessas, os alimentos da roça de origem vegetal (considerados femininos).

⁹ Este ritual ocorre anualmente e inicia o calendário ritual Maxakali. Os meninos iniciados têm entre cinco a oito anos. As meninas não passam por este ritual de iniciação visto que só os homens são xamãs.

¹⁰ Os Maxakali consideram que os filhos pequenos pertencem às mães. Os pais os fazem ‘para dar a elas’. Na verdade, as crianças, o bem maior tanto para os pais quanto para as mães, são considerados como parte da esfera doméstica feminina.

nos são levados para a casa cerimonial dos homens onde passarão um mês. Lá, eles dormirão e farão suas refeições, separados de suas mães e parentes femininos, e serão introduzidos nas dimensões secretas do domínio sagrado de sua cultura. Ritualmente, é a partir de então que se inicia o processo de aprendizagem para se tornarem futuros xamãs. Atributo de todo homem Maxakali.

Porém, o processo de aprendizagem começa antes mesmo da iniciação formal e prolonga-se por toda a vida da pessoa. Intensifica-se na adolescência, com o início da vida pública que marca o final do período da infância. A criança possui um papel fundamental, como categoria simbólica, no processo de construção da noção de pessoa Maxakali em sua relação com a concepção sobre o processo de aprendizagem. Passemos então a uma análise da relação entre a construção da pessoa, a cosmologia e a aprendizagem, buscando compreender qual o lugar que a categoria da infância – as crianças – ocupa nesta relação.

Crianças e ‘espíritos’ *Yãmiy* – um processo de aprendizado

Uma discussão mais profunda sobre os processos de aprendizagem e conhecimento, onde a criança se faz presente, é encontrada, na etnologia sul-americana, nos trabalhos sobre a noção de pessoa (Seeger *et alii* 1987; Lopes da Silva 2002; Cohn 2001). A relação entre a corporalidade e a noção de pessoa, nas sociedades indígenas, encontra sua expressão nas concepções cosmológicas acerca do ‘perspectivismo ameríndio’, como nos coloca Viveiros de Castro (2002). Desenvolvi em outro lugar uma análise sobre a construção da noção de pessoa entre os Maxakali (Alvares 1992). Aqui, pretendo apenas recuperar o lugar e o significado da criança dentro desses processos da concepção da pessoa.

Para os Maxakali possuir *yãmiy* ‘espíritos’ é a condição básica para se tornar um ser humano completo¹¹. É o dote que a mocinha deve levar para o seu casamento e a condição para o jovem participar da vida político e ritual da aldeia, como início da sua maioridade social. Trazer os seus próprios espíritos para cantar no *Kuxex* ou na Casa dos Homens significa, portanto, o início da vida adulta.

São os pais (ou outro parente próximo – avós, tios, irmãos mais velhos) que dão a seus filhos os seus *yãmiy* porque ‘não precisam mais deles’. Ou seja, já se tornaram pessoas completas. Após a idade da iniciação (ou ao equivalente a esta idade para as meninas), as crianças já podem possuir *yãmiy*. Mas a posse de um espírito só pode ser efetivada através do conhecimento. Contudo, para os Maxakali, o conhecimento pertence ao mundo dos espíritos. São eles que o trazem aos humanos. Somente os *yãmiy* sabem realizar os procedimentos relacionados aos rituais e mesmo todas as atividades da vida cotidiana. Antes dos espíritos haverem partido e abandonado os humanos, não se realizavam os rituais. Homens e espíritos viviam juntos na terra e todo o conhecimento dos espíritos, era então, compartilhado pelos humanos. Com a partida dos espíritos, a realização dos rituais se fez necessária para que a comunhão desse conhecimento se fizesse sempre presente. É a presença dos espíritos que instaura o estado de cultura entre os homens, fazendo o conhecimento um bem também presente na vida dos humanos.

Os espíritos são seres cantores. São, na realidade, os próprios cantos. Cada espírito corresponde a um canto específico. Não há possibilidade de dois espíritos cantarem o mesmo canto, assim como cada espí-

¹¹ *Yãmiy* é o nome genérico para um grande panteão de espíritos relacionados aos elementos da natureza, como o sol, a lua, as estrelas, a cachoeira, às espécies vegetais e animais – principalmente aos pássaros. É também o nome específico que designa os seus próprios mortos. Espécie mais importante que nomeia o gênero.

rito corresponde a um único canto. Após a morte, a pessoa se transformará ela própria em canto. O destino pós-morte da alma dos vivos ou do seu *koxuk*¹² é transformar-se em *yãmiy*¹³. A pessoa humana é palavra e o seu destino é tornar-se canto. Mas para cumprir seu destino ela precisa possuir, ao longo de sua vida, *yãmiy*, para trazê-los para cantar na Casa dos Homens, todos os anos. Quando morrem ainda crianças, os Maxakali deverão voltar a terra como *yãmiy* ‘espíritos’, até se tornarem adultos, para cantar na Casa dos Homens. Quando se tornarem adultos não precisarão mais voltar, mandarão seus filhos que fizerem no além. Mesmo para os *yãmiy* é preciso um longo processo de formação e maturação para desenvolverem-se¹⁴. Este processo realiza-se através do canto. O canto dos espíritos que se possui em vida.

Mas para que a posse do canto se efetive é necessário o seu conhecimento, pois se forem esquecidos os cantos se perderão para sempre. A aprendizagem é um longo processo que se inicia na infância, por vezes antes mesmo da iniciação formal, e se prolonga por toda a vida, até que a pessoa torne-se, ela própria um canto ao morrer. E esta aprendizagem – a iniciação ao canto dos espíritos – é um processo de maturação que se realiza pela tradução no próprio corpo ao cantar, durante os rituais. São apenas as crianças e os jovens o suporte para a manifestação dos espíritos. Com seus corpos transformados em *yãmiy* através das máscaras

¹² Os Maxakali dizem que o *koxuk* é ‘o que se fala’, ou é o próprio ato da fala humana. Ele penetra pela boca da criança no seu nascimento e também é por ela que ele escapa durante o sono, quando vagueia livre do corpo, ou quando o abandona, definitivamente, e viaja para o além, para a aldeia dos *yãmiy*, após a morte.

¹³ Esse processo de transformação do *koxuk* em *yãmiy* – da palavra em canto – está relacionado também a toda a problemática da doença, dos processos de cura e da morte.

¹⁴ Quando morre uma criança o seu *koxuk* continuará o seu desenvolvimento, como *yãmiy*, a partir do mesmo período em que morreu, até atingir a idade adulta. Não haverá interrupção em seu processo de crescimento.

cerimoniais e as pinturas corporais específicas, se nos transformam próprios espíritos presentes na terra. Cantam e dançam para os humanos, atualizam assim a união entre os viventes e os espíritos. Os mais velhos coordenam e acompanham a performance dos rituais. Cantam com os espíritos e controlam os seus movimentos. As crianças são sempre os principais ‘atores’ no espetáculo dos rituais. Atuam seus papéis dirigidas pelos adultos. A transmissão de conhecimentos e técnicas corporais, assim como dos seus significados próprios, se dá a partir da própria atuação das crianças, dos movimentos, das sensações e emoções que constroem esse momento.

As mulheres, as espectadoras desses rituais, mostram-se particularmente, orgulhosas da performance de seus filhos e outras crianças parentes próximos¹⁵. Qualquer expressão mais desenvolta dessas ou, ao contrário, enganos e tropeços, arrancam efusivas gargalhadas e muitos comentários de sua ‘platéia particular’.

As crianças são freqüentemente instruídas por seus parentes próximos sobre os cantos e a performance cerimonial fora do contexto ritual. Esses ensinamentos são altamente valorizados pelos Maxakali. E eles se mostram orgulhosos em demonstrar os avanços dos pequenos. Esta é uma das tarefas mais constantes dos avós para com seus netinhos, à noite, ao redor da fogueira, ou durante as horas em que os pais saem para suas atividades e deixam algumas crianças com eles. Durante o período de um ciclo ritual em uma aldeia, os seus cantos e danças são mesmo o tema preferido das brincadeiras das crianças, no pátio vazio, nas manhãs que se seguem às noites de ritual. Nestes momentos, meninos e meninas realizam juntos as performances e cantos onde, na noite

¹⁵ Os rituais são sempre dirigidos às mulheres. Elas ocupam o lugar da platéia, enquanto os homens ocupam o lugar dos espíritos, dirigindo-os ou os representando. Concentram-se na Casa dos Homens ou no pátio em frente a ela, local onde se realizam os cantos e danças rituais.

anterior, ocupavam lugares opostos nos papéis que representavam e nos significados que estes recebiam. Mas, mais do que uma experiência intelectual, o conhecimento precisa ser transformado em experiência vivida ritualmente no próprio corpo. É esta experiência ritual que possui o poder de construir a pessoa e torná-la um ser humano completo.

São apenas as almas das crianças mortas que voltam a terra e trazem de volta os cantos daqueles que partiram – o conhecimento e a tradição que pertence aos espíritos. São apenas os mortos infantis que fazem girar a máquina cosmológica Maxakali. Os mortos adultos participam apenas de forma derivada, fazem filhos no além e os mandam a terra para cantar para os vivos. É a categoria da infância – tanto a alma das crianças mortas, os filhos dos humanos, quanto os jovens *yãmiy*, filhos dos espíritos – o elo entre as várias dimensões do universo Maxakali.

A escolarização e o fluxo de crianças

Em 1995, foi criado em Minas Gerais, o Programa de Implantação de Escolas Indígenas/MG através de um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e várias outras instituições (FUNAI/UFMG/IEF), com o objetivo de implantar uma política escolar para os grupos indígenas do estado e de criar as escolas indígenas diferenciadas. Os professores indígenas foram selecionados por suas próprias comunidades e iniciaram um curso de formação em 1996, formando-se no início de 2000. Atualmente, uma segunda turma de professores indígenas encontra-se em processo de formação. Em 1997, as escolas passaram a funcionar, oficialmente, como escolas estaduais indígenas diferenciadas. O material didático utilizado nas escolas é produzido pelos próprios professores indígenas. O currículo, o calendário, os processos de ensino/

aprendizagem e a gestão escolar são construídos pelos professores indígenas e pela comunidade em parceria com os assessores do Programa.

Os Maxakali não ensinam o português para suas crianças em suas escolas nas aldeias. A alfabetização é realizada na língua materna, pois as crianças não falam o português. O uso dessa língua só ocorre mais tarde, na fase adulta, para os homens, quando as necessidades do contato o exigem. Os Maxakali trabalham em suas escolas com os conteúdos da própria cultura, principalmente, da sua cosmologia e vida ritual, mas também de suas práticas cotidianas e dos conhecimentos acerca do seu meio ambiente e das transformações sofridas com a sua devastação e a partir do contato. Consideram de fundamental importância que suas crianças sejam formadas dentro dos valores e conhecimentos da sua própria cultura. Porém é dentro do registro de uma instituição estrangeira que tentam fazê-lo. Considero este processo como uma reinterpretação cultural (Albert 1995). Como analisei em outro local:

A domesticação da escola – mesmo de uma escola indígena diferenciada, com professores indígenas e conteúdos disciplinares específicos da cultura – é um processo de negociação de valores e reinterpretação de significados de uma outra ordem cultural e simbólica. (Alvares 1999:233)

A noção de escolas indígenas como região de fronteiras, como propõe Tassinari (2001), permite também uma aproximação maior aos processos que ocorrem em tais situações:

[...] considero adequado definir as escolas indígenas como espaços de fronteiras, entendidas como espaços de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e de redefinições identitárias dos grupos envolvidos nesse processo, índios e não-índios. (Tassinari 2001: 50)

O que acontece dentro desse espaço de fronteiras onde se promovem processos de reinterpretação em relação ao ensino, à aprendizagem e à categoria da criança ao ser transformada em 'aluno'? De que forma as crianças articulam o seu próprio universo cultural e o processo de escolarização, recentemente introduzido?

Ao freqüentarem a escola, as crianças são separadas de seu cotidiano familiar, durante o período das aulas, alterando o equilíbrio das relações e atividades nas quais elas estão sempre envolvidas. Como elas são para os Maxakali, o maior bem, as famílias consideram que estão oferecendo ou 'emprestando' suas crianças aos professores. Em contrapartida, esses devem oferecer presentes a essas famílias em troca das crianças recebidas. Gomes (2003) também observa em relação aos Xakriabá, grupo indígena que pertence também ao PIEI/MG, essa mesma situação:

[...] a presença da escola muda materialmente o cotidiano dos adultos e da rotina familiar, uma vez que durante o período escolar, as crianças não estarão mais envolvidas nas atividades da família. As alterações dizem respeito seja à participação das crianças nas atividades de organização e manutenção do próprio grupo familiar (como participação em atividades domésticas e colaboração nas atividades produtivas desenvolvidas pelos adultos), seja como sujeitos que demandam atenção e ações específicas em função das próprias necessidades, que passarão a ser respondidas em parte pela escola. (Gomes 2003: 12)

Além do próprio ensino e da merenda escolar¹⁶, os professores devem comprar, com freqüência, outros alimentos para oferecerem às

¹⁶ A merenda escolar é percebida pelos Maxakali como uma doação feita pelos professores à comunidade, visto que se considera que eles 'capturaram' e trouxeram esses alimentos do mundo dos não-índios.

crianças e, através destas, às famílias¹⁷. Para os professores é fundamental manter uma rede de alianças com o maior número de grupos familiares. Só assim, as famílias lhes enviarão suas crianças para serem seus alunos. Nas escolas, as crianças ou os alunos são o bem trocado entre professores e comunidade. Os Maxakali consideram que a escolha, feita pela comunidade, do professor, exige dele um contra-dom aos benefícios recebidos pelo direito a ocupar este cargo – como o salário, o acesso ao mundo e aos bens dos não-índios etc. Para que ele possa ser professor ele precisa das crianças.

É na configuração das classes escolares que fica evidente a relação entre o fluxo de crianças e as redes de sociabilidade Maxakali¹⁸. Os fatores determinantes para a distribuição das crianças entre os professores Maxakali não são, preferencialmente, de ordem didático-pedagógica e sim, de natureza política. São as alianças políticas estabelecidas entre os professores e as famílias das aldeias que definem quais crianças serão seus alunos. Para os Maxakali é mais relevante a relação que a família da criança, e, portanto ela própria, possui com o seu professor, do que o fato de uma criança encontrar-se em um grau diferente de desenvolvimento escolar em relação à classe que ela ocupará ou mesmo, de formar-se classes escolares com graus de diferenças de conhecimento e maturidade muito acentuadas. É importante ressaltar que a idade das crianças que freqüentam as aulas varia entre três/quatro anos a quatorze/quinze anos. Portanto, a diversidade interna das classes escolares é muito

¹⁷ As crianças sempre levam para as aulas saquinhos plásticos ou outros recipientes onde, após comerem parte da merenda recebida, levarão o restante para suas famílias.

¹⁸ Gomes (2003) analisa essa mesma situação em relação à composição das classes para os Xakriabá onde os critérios para essa composição também se baseiam na composição da rede de sociabilidade.

grande¹⁹. As relações de parentesco mais próximas são sempre definidoras do pertencimento a uma classe escolar. Os filhos e sobrinhos ficam sempre com seus pais ou tios, quando esses são professores. Mas como a maior parte das famílias não possui o seu próprio professor, suas crianças serão distribuídas de acordo com o grau de aliança que tiverem com os professores das aldeias. Esta distribuição dos alunos, tampouco obedece ao critério da proximidade espacial em relação às escolas. Muitas crianças freqüentam aulas nas classes de professores espacialmente muito distantes de suas aldeias. Mesmo quando há uma classe de aula dentro de sua própria aldeia, se não houver também boas relações políticas com o professor, a criança estudará em outra aldeia. Em função de algum conflito recente entre o professor e a sua família, ela poderá freqüentar outra classe de outro professor, com quem novas alianças sejam ativadas. Isto porque, mudar a própria casa de uma aldeia pode demorar um pouco mais. É necessário reativar novas alianças com outros grupos familiares de outras aldeias e negociar a mudança. Mas o fluxo das crianças é sempre, imediatamente, reorientado. As crianças serão encaminhadas primeiro para a nova aldeia almejada, depois irão os adultos. Conflitos geram, imediatamente, recomposição das classes escolares. Esta dinâmica social provoca tanto uma grande mobilidade na freqüência das crianças entre as várias classes escolares, como também, a configuração de um quadro bastante irregular de distribuição do número de alunos entre elas. Neste ano, por exemplo, encontramos classes escolares que variam entre doze e sessenta e quatro alunos matriculados, enquanto o padrão de alunos em uma classe é de trinta a quarenta alunos matriculados. Para se compreender a configuração das classes escolares é necessário também

¹⁹ O currículo Maxakali se limita a alfabetização das suas crianças na própria língua materna e as quatro operações aritméticas, além das dimensões rituais e da mitologia. Como este conteúdo é desenvolvido, ao longo de vários anos, as atividades escolares podem seguir um ritmo bem mais lento.

compreender as redes de parentesco e aliança e a dinâmica da sociabilidade Maxakali. O registro das matrículas dos alunos, realizado no início do ano letivo pela Secretaria de Educação, é sempre bastante alterado durante o ano em curso.

Os professores que conseguem manter um grande número de crianças em suas turmas, por vezes, são obrigados a lançar mão de estratégias para poderem ministrar suas aulas – como dividir o horário das aulas em dois turnos ou utilizarem o recurso de ‘auxiliares’ para trabalhar com os mais novos. Estes ‘auxiliares’ são os seus próprios filhos mais velhos, Este recurso é também muito utilizado quando os professores precisam realizar alguma viagem ou outra atividade dentro do próprio território. Os professores são, atualmente, lideranças significativas dentro do grupo e possuem, portanto, muitas outras responsabilidades e atribuições em suas novas funções como intermediários entre a própria sociedade e o mundo do não-índio, através das várias instâncias em que se fazem presentes entre os Maxakali.

Durante os primeiros anos de funcionamento das escolas, apenas uma delas reuniu cinco dos onze professores em um único prédio escolar, localizado dentro das instalações do posto da FUNAI e depois, em um novo prédio escolar construído pela Secretaria de Educação. Orientados pelos assessores do Programa e pela inspetora de ensino da SEE/MG os professores configuraram suas classes escolares a partir de critérios de idade e de desenvolvimento escolar²⁰. Porém, a mobilidade das crianças entre as turmas a partir de critérios de sociabilidade e de

²⁰ Anteriormente ao PIEI/MG havia duas escolas da FUNAI, de 1ª. à 4ª. séries, funcionando dentro da área. Tratava-se de ensino bilíngüe, dentro dos princípios do SIL (*Summer Institute of Linguistics*), ministrado por professoras da FUNAI que não falavam o Maxakali e, portanto, eram auxiliadas por monitores Maxakali. Estes jovens monitores se tornaram com a implantação das escolas indígenas diferenciadas alguns dos professores indígenas. Estas escolas funcionavam muito esporadicamente.

relação pessoal logo se impôs. Nos primeiros anos de funcionamento das escolas, com o controle mais efetivo da Superintendência Regional da SEE/MG as crianças eram distribuídas entre os professores compondo suas classes de aula a partir de critérios de natureza pedagógica. Porém, ao longo do ano letivo, a mobilidade das crianças entre as diversas classes logo se fazia notar. O que muitas vezes acaba por gerar sérias dificuldades para a própria gestão escolar. Como algumas salas de aula se localizam em aldeias separadas, embora administrativamente pertençam a uma mesma escola, os recursos – como material escolar e de limpeza e, principalmente, a merenda escolar – destinados ao conjunto das classes deveriam ser distribuídos entre os professores. A partir do acordo estabelecido entre todos, os recursos deveriam ser distribuídos, proporcionalmente ao número de crianças matriculadas em cada classe escolar. A pedido dos próprios Maxakali, no sentido de evitar disputas e conflitos, os recursos deveriam chegar às escolas já separados por classe, para os seus respectivos professores. Essa distribuição era realizada pela Superintendência Regional da SEE/MG, órgão responsável pela compra e repasse desses recursos às escolas, e tinha como base os dados que esse órgão dispunha, ou seja, as listas de matrícula efetuadas no início do ano. Mas como vimos, a situação inicial da configuração das classes é rapidamente alterada no cotidiano da prática escolar, portanto as distribuições acabam por gerar distorções que provocava por sua vez, desentendimentos e conflitos entre os professores envolvendo também os grupos locais.

Atualmente, após vários ajustes e experiências, a configuração das classes é estabelecida pelos Maxakali obedecendo principalmente seus próprios critérios de sociabilidade e as redes de aliança e parentesco dos professores. O que de saída promove uma menor mobilidade entre os alunos do que a situação anterior. As alterações ocorridas ao longo do

ano são enviadas à inspetora de ensino por um técnico da Superintendência Regional que permanece na área durante o período escolar.

A recuperação de uma nova parte do território Maxakali provocou a mudança das várias aldeias próximas ao posto da FUNAI e ao novo prédio escolar, que migraram para tomar posse deste novo território. Durante um curto período de tempo, todos, alunos e professores, vinham caminhando para o prédio escolar para realizarem as aulas. Logo, este prédio foi abandonado. Os professores e a própria comunidade recusaram-se a se manterem ligados dentro de uma única escola central. Dividiram-se, cada professor em sua própria aldeia. Assim o controle sobre a gestão escolar e os recursos e relações advindas através da escola ficam a cargo do próprio grupo local. Situação política bem mais confortável para a administração entre os próprios Maxakali. Atualmente, os professores construíram salas de aula dentro de suas próprias aldeias e ‘capturam’ seus alunos a partir das próprias redes de aliança.

A mobilidade da configuração das salas de aula é também provocada pela mudança dos próprios professores. Conflitos dentro de sua própria aldeia podem implicar em mudança da sua família para uma nova aldeia. E com ele muda-se a escola. As crianças cujas famílias mantiverem os laços de solidariedade acompanham o professor para a nova localização da escola. Com todos os problemas de infra-estrutura que essas mudanças acarretam. Salas de aula precariamente construídas, sem condições de armazenamento do material e equipamento escolar que, exposto à chuva e ao sol, acabam por deteriorar-se rapidamente. Dos dois prédios escolares construídos pela Secretaria de Educação MG, um – o maior – está abandonado pela escola (atualmente é utilizado para o atendimento da saúde das crianças pela Fundação Nacional da Saúde/FUNASA), e o outro é subutilizado, apenas por um professor.

Os professores afirmam que são as próprias crianças que desejam mudar de turma. Ou seja, partiria delas a manifestação do desejo de fre-

qüentar uma outra classe escolar. Essas pediriam ao novo professor para freqüentarem sua turma. É sempre o desejo da criança que é considerado como o determinante na orientação das relações entre professores e alunos. Assim também, é a partir da vontade delas que se justifica a construção do próprio currículo escolar. Os Maxakali dizem que são as crianças que querem aprender primeiro a escrever em Maxakali para, só depois, quando iniciarem a vida adulta, serem introduzidas à escrita e a fala do português.

Esta forma de se colocar a iniciativa do processo de aprendizagem nas próprias crianças evidência a concepção Maxakali da criança como agente ativo desse processo. É dessa perspectiva, também, que os professores relatam sua própria trajetória escolar. Sempre como um percurso construído a partir da decisão e da busca pessoal do sujeito aprendiz. Parte dele, a iniciativa de buscar o conhecimento. Esta concepção sobre o processo de aprendizagem vai além da sua dimensão escolar, implica em todo o processo de socialização das crianças. Geralmente, esse processo de socialização é atribuição dos membros mais velhos do próprio grupo doméstico. Os conhecimentos rituais são considerados parte do patrimônio familiar. Os adultos são os responsáveis por propiciar as oportunidades da aprendizagem, mas deve partir da criança a iniciativa e a vontade de buscar esse conhecimento.

Como em outros grupos indígenas há também momentos de aprendizagem coletiva e de conhecimentos que são considerados necessários a uma categoria de idade e gênero (Cohn 2000). Esses momentos coletivos estão relacionados, principalmente, às situações rituais. A realização dos ciclos cerimoniais – e dentre eles, particularmente, o de iniciação das crianças – são momentos construídos de forma extremamente didáticas. As crianças são colocadas no centro destes eventos e são instruídas, principalmente, pelos especialistas destas cerimônias, os xamãs.

Como nos diz Lopes da Silva a respeito dos A'uwê:

[...] a performance ritual promove conhecimento e aprendizagem, para todos os envolvidos: os adultos, encarregados de sua realização, são orientados pelos mais velhos, cuja vivência de antigas e sucessivas versões da mesma cerimônia é reatualizada pela memória que guia os passos do presente. Memória e criação, performance e tradição, tudo aqui se combina para reafirmar um patrimônio e um estilo próprios, mas sempre capazes de processar e incorporar os desafios do momento histórico vivido. (Lopes da Silva 2002: 43)

É interessante observar que os Maxakali estabelecem certo paralelismo entre as situações ritual e escolar. As crianças exibem belas pinturas faciais, muito mais elaboradas do que apresentam no cotidiano, quando vão para a escola ou quando participam das cerimônias rituais. A partilha coletiva de conhecimento e alimentos – a distribuição da merenda escolar – é também outra estrutura de relações presente nas realizações rituais. No período inicial da implantação das escolas, toda a aldeia se reunia para participar da merenda escolar. Depois de muita orientação em contrário dos órgãos que atuam na área, que insistiam que a ‘merenda era para os alunos’, a merenda passou a ‘ir’ para a aldeia através das crianças. Atualmente, com a dispersão das classes escolares em cada aldeia separadamente, o evento da merenda escolar acontece entre o grupo local, como ocorre durante as cerimônias rituais. Evento, por sua vez, também estreitamente relacionado ao processo de socialização das crianças.

As aulas de xamanismo, da dimensão ritual e da mitologia ocupam, praticamente, a metade dos dias letivos do calendário escolar Maxakali. Nestas aulas, dadas pelos xamãs, não há a presença da escrita. São aulas de canto, performance e dança rituais e da narrativa dos mitos. Na reali-

dade, elas possuem a mesma estrutura do processo de socialização que ocorre durante o período de iniciação ritual das crianças. Muitas vezes, são dadas, não no prédio escolar, mas na Casa dos Homens para os meninos e nas casas domesticas, para as meninas, pelas mulheres mais velhas. O que as define como um ‘momento escolar’ é o próprio controle burocrático de sua realização dentro do horário escolar e o fato desse momento socializar, de forma muito mais abrangente, um processo que, tradicionalmente, ocorre restrito apenas ao grupo local. Porém, como, atualmente, todos os professores passaram a realizar suas aulas, separadamente, dentro de sua aldeia e para as crianças das famílias aliadas e parentes, a estrutura dessas aulas, no que se refere às relações sociais que mobiliza, está bem mais próxima à forma tradicional ritual de transmissão desses conhecimentos.

Analisei em outro local este englobamento do processo escolar pela dimensão ritual (Alvares 1999). Antes de iniciarem as aulas de ‘cultura Maxakali’ os Maxakali realizam o complexo ritual do *Taxtakox* – o ritual de iniciação das crianças. Nesse ritual os meninos permanecem na casa dos homens separados de seus parentes femininos por trinta dias. Esse período marca ritualmente o momento da separação entre os universos masculino e feminino. Porém, a aprendizagem das dimensões sagradas da cultura Maxakali se prolonga por toda a vida da pessoa até a fase adulta. As crianças e jovens continuam o processo de aprendizagem através de seus parentes, principalmente os xamãs do seu próprio grupo de parentesco. Nas escolas, os processos de transmissão do saber tradicional estão na verdade, sendo intensificado e formalizado de nova maneira. Essas “aulas” são extremamente valorizadas pelos Maxakali, que as apresentam para nós como a “verdadeira escola Maxakali”, em oposição às aulas de alfabetização em Maxakali. Suas crianças, dizem com orgulho, agora estão muito mais “sabidas” – dominam melhor os conhecimentos

sagrados. Nos anos que se seguiram, podemos notar que essa tendência tornou-se ainda mais acentuada.

Outra dimensão do processo escolar que merece atenção diz respeito à construção do currículo. A decisão, relativamente rara entre os grupos indígenas brasileiros, principalmente, para aqueles com um período longo de contato, de alfabetizar suas crianças apenas na língua materna, faz sentido se pensarmos que as crianças não falam o português. Porém, nesses últimos anos, os Maxakali estão demandando, com bastante ênfase, o ensino da língua portuguesa para seus jovens e para os adultos, em função da nova situação de contato. As novas políticas públicas em relação à questão indígena geraram uma forte presença do Estado entre o grupo, além de atrair outras instituições da sociedade mais ampla. A movimentação entre os grupos familiares para ‘capturar’ o excesso de bens e de dinheiro, que agora passa a circular, provocou esse inédito interesse pelo aprendizado do português. Vários jovens começaram a estudar, no início de 2002, em um curso noturno municipal para jovens e adultos, em uma cidade vizinha ao território Maxakali. Posteriormente, com a ajuda do PIEI/MG, os Maxakali conseguiram levar o professor para dentro da área. Atualmente, suas aulas são realizadas em uma das escolas construídas pela Secretaria da Educação. Embora, haja mais de sessenta alunos matriculados (o que inclui as lideranças emergentes, os professores, os agentes de saúde e vários jovens), a frequência efetiva ao curso restringe-se a um pequeno grupo de jovens e aos professores. Na verdade, um novo discurso sobre a importância do aprendizado do português, (até mesmo para as mulheres que normalmente não o falam) com o objetivo de negociar com os não-índios, dentro e fora da área, denuncia uma nova estratégia de relação com esses. Relação essa que se volta mais para a aliança do que para o confronto guerreiro que sempre predominou nas relações de contato Maxakali.

Nas suas escolas, no entanto, as crianças continuam aprendendo apenas o Maxakali, mesmo com essa nova tendência de aproximação ao universo da sociedade nacional. A importância da língua para o processo de constituição da pessoa Maxakali determina essa opção do ensino da língua materna e dos cantos rituais dentro do espaço escolar, em lugar dos conhecimentos do mundo do não-índio, matéria que só deve ser adquirida após o processo de formação e maturação da pessoa, desenvolvido durante a infância. Apesar de a escola funcionar como um dos principais canais de tradução do mundo do não-índio, como nos demais grupos indígenas, para os Maxakali este conhecimento não está direcionado para suas crianças, e sim, para os adultos, responsáveis pelas relações com a alteridade. Nas aulas para as crianças, são os conhecimentos da própria cultura – principalmente, a língua e os cantos rituais – a matéria necessária para a formação da pessoa. É interessante também notar que a língua escrita Maxakali ainda não possui um uso social definido. Os poucos textos existentes, escritos em Maxakali, são os próprios materiais didáticos, produzidos e consumidos dentro do próprio âmbito escolar. Mesmo assim o domínio da escrita Maxakali é uma atividade muito valorizada pelo grupo. Por essa razão, talvez, possamos compreender porque, dentre os grupos indígenas das regiões leste/nordeste do Brasil – que possuem um longo período de intenso contato – os Maxakali são o único grupo que mantêm ainda o monolingüismo e uma cultura fortemente tradicionalista. É o sentido que a palavra – a própria língua – possui como dimensão fundamental na constituição da pessoa humana. E a categoria da criança é o seu veículo de trânsito e circulação na constituição da própria pessoa humana, no processo de ensino/aprendizado e na relação entre os vários domínios da sua sociedade e cosmologia.

O conteúdo dos ensinamentos dos xamãs é do conhecimento geral, mas as formas dessa transmissão anteriormente, eram do domínio pri-

vado. É, exatamente, a socialização dessas formas de transmissão de conhecimento tradicional, através da dimensão escolar, que os Maxakali consideram como o maior valor conseguido através da escola. Essa seria uma de suas principais conquistas para as crianças, de acordo com eles.

Nos últimos anos, em suas participações no cenário nacional, os Maxakali se apresentam, preferencialmente através de seus cantos rituais, pouco utilizando o discurso político. É através da dimensão ritual que eles elegeram para se apresentarem para os “outros”. O xamanismo é o lugar da reciprocidade – entre as categorias de homens e mulheres, entre parentes e afins, que são traduzidas para uma linguagem das relações entre vivos, espíritos e mortos. Enquanto na relação política entre as diferentes categorias a “diferença” ocupa o lugar do conflito. Ao socializarem o conhecimento xamânico, nas “aulas de cultura”, os Maxakali elegeram essa dimensão para constituírem sua imagem para o “outro”. A dimensão ritual amplia o seu campo semântico para dar sentido às relações escolares também, relações essas, que se constituem através dos “brancos”, esses outros extremos.

Bibliografia

- ALBERT, Bruce. 2003. "O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza." In ALBERT, Bruce & RAMOS, Alcida Rita (orgs.): *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*, pp. 239-274. São Paulo: Editora UNESP.
- ALVARES, Myriam Martins. 1992. *Yãmiiy – os espíritos do canto: a construção da pessoa na sociedade Maxakali*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP.

- _____. 1999. "A educação indígena na escola e a domesticação indígena da escola." *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15(2):223-249.
- _____. ; DUTRA, Vanessa; REZENDE, Zélia; RESENDE, Márcia; MATTOS, Kleber; ALMEIDA, Maria Inês; ROMANELLI, Lilavate. 2003. "Krenak, Maxacali, Pataxó, e Xakriabá: a formação de professores indígenas em Minas Gerais." *Em Aberto*, 20(76):74-88.
- _____. ; GOMES, Ana Maria R.; GERKEN, Henrique. 2001. "Sujeitos socioculturais na educação indígena: uma investigação interdisciplinar." Projeto Integrado de Pesquisa, BH, FAPEMIG.
- COHN, Clarice. 2000. "Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá." *Revista de Antropologia*, 43(2):195-222.
- D'ANGELIS, Wilmar & VEIGA, Juracilda. 1997. *Leitura e escrita em escolas indígenas*. Campinas: Mercado das Letras.
- GOMES, Ana Maria R. 2003. "A configuração das classes nas escolas indígenas Xakriabá: uma análise preliminar da experiência dos professores." *Paper* apresentado no 2º. Encontro Internacional Linguagem Cultura e Cognição – Reflexões para o Ensino. Belo Horizonte: FAE/UFMG.
- LOPES DA SILVA, Aracy. 1981. "Por que discutir hoje a educação indígena." In CPI-SP (Comissão Pró-Índio de São Paulo): *A Questão da educação indígena*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. & FERREIRA, Marina (orgs.). 2001. *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global/FAPESP/MARI.
- _____. & GRUPIONI, Luiz Donizete. (orgs). 1995. *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.
- _____. ; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (orgs.). 2002. *Crianças indígenas ensaios antropológicos*. São Paulo: Ed. Global/FAPESP/MARI.
- NUNES, Ângela. 1999. *A sociedade das crianças A'uwe-Xavante: por uma antropologia da criança*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras." OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org.). *Sociedades indígenas*

- & *indigenismo no Brasil*, pp. 11-30. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Marco Zero.
- SILVA, Márcio. 1994. "A conquista da escola: a educação escolar e o movimento de professores no Brasil." *Em Aberto*, 14(63):38-53.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. 2001. "Escolas indígenas: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação." In LOPES DA SILVA, Aracy & FERREIRA, Marina (orgs.): *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*, pp. 44-70. São Paulo: Global FAPESP/MARI.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena." In IDEM (org.): *A inconstância da alma selvagem*, pp. 345-399. São Paulo: COSAC & NAIFVI.
- _____. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ANPOCS.

